



Baixa do Porto Casa Margaridense reabriu com novas funções, seguindo uma tendência

Reaproveitar a história para dar identidade a novos negócios

A antiga Casa Margaridense é agora um espaço de lazer multiusos. Na Baixa, há vários antigos espaços de comércio e indústria com nova vida

Pedro Rios

● Quando era criança, Sara Pinto era uma das muitas clientes da Casa Margaridense. Agora, aos 35 anos, lança-se na aventura de retomar parte do espírito que fez do espaço da Travessa da Cedofeita, no Porto, uma referência histórica no fabrico e venda de pão-de-ló e outras iguarias. O número 21 da travessa acolhe agora a Casa de Ló (a abertura oficial é na próxima quarta-feira), que recupera a antiga loja e junta-lhe uma cafetaria, salão de chá e um bar, para satisfação dos muitos curiosos que, durante as obras, espreitavam pelas janelas.

É o último caso de uma tendência recente e que promete continuar: a transformação de espaços com tradição na vida económica do Porto - fábricas, armazéns, livrarias - em sítios de lazer, com forte actividade nocturna. A precariedade laboral e a vontade de criar projectos pessoais são alguns dos motores do surgimento destes projectos. Foi assim também na Casa de Ló, cujas responsáveis quiseram "mudar de vida".

A tabuleta "Aluga-se" na porta da Margaridense, fundada em 1880 e en-



Segundo o arquitecto Nuno Grande, as obras de requalificação transformaram as ruas em espaços mais atractivos

cerrada em 2007, tornou mais fácil a decisão de Sara Pinto, que dá formação profissional, e da amiga e sócia Adriana Rocha. Procuravam um espaço para começar um negócio pessoal. "A nossa ideia teve que se adequar ao espaço. Esta loja tem uma vida própria", conta Adriana Rocha, de 46 anos, professora na Escola Artística Soares dos Reis, no Porto.

Sara e Adriana aplicaram as suas poupanças na recuperação do espaço. Mantiveram a loja quase intacta: estão lá os balcões, as prateleiras com os produtos tradicionais que popularizaram a casa (pão-de-ló, marmelada, geleia de marmelo, cavacas, suspiros, entre outros), o cofre onde se guardavam as medidas secretas de

cada ingrediente. O pão-de-ló que popularizou a casa já não será produzido ali (nem nenhum dos produtos, aliás), mas virá de uma fábrica de Margaride, freguesia de Felgueiras de onde eram originários os primeiros proprietários da Margaridense.

À tradição, Sara e Adriana juntaram novidades: chocolate, vinho, cadernos, livros e produtos de autor, uma esplanada nas traseiras (pedras do antigo forno são agora bancos), e, na zona onde antes laboravam os fornos a carqueja, noites com concertos e DJ, exposições, refeições ligeiras durante o dia e, possivelmente, projecções de filmes. Esta mistura entre o tradicional e o contemporâneo tem como objectivo "chegar a todas as idades" e tipos de pessoas, diz Sara Pinto. O horário da Casa de Ló, das 10h00 às 2h00, condiz com a estratégia.

O "regresso" dos armazéns

A tendência de transformar espaços antigos da Baixa em locais de lazer está intimamente ligada à dinâmica que esta zona tem apresentado nos últimos anos, sobretudo à noite. Depois da abertura de bares pioneiros, como o Passos Manuel, o Maus Hábitos e o Café Lusitano, um conjunto de novos empresários apostou na Baixa para instalar os seus negócios. Boa parte dos espaços mantém a traça arquitectónica e parte da imagem antiga dos espaços, construindo a sua identidade a partir desse passado. Segundo disseram vários empresários do sector ao PÚBLICO, há já projectos para novos estabelecimentos com características semelhantes.

As ruas da Galeria de Paris e Cândido dos Reis, outrora conhecidas pelos seus amplos armazéns de tecidos, são o centro da nova vida boémia da cidade. O restaurante e bar Galeria de Paris e o Plano B, situados nessas ruas, aproveitaram antigos armazéns. Não muito longe dali, na Rua de José Falcão, dois café-bares - o Café Lusitano e o Armazém do Chá - ocupam, respectivamente, os espaços que pertenceram a um armazém de moagens do início do século passado e um outro de torrefacção de chá.

Trata-se de "usar o passado para construir o futuro", diz Filipe Teixei-

Apesar das mudanças, a Casa Margaridense mantém a traça original



O Armazém do Chá, na Rua de José Falcão, foi buscar o seu nome à função que tinha há cerca de dez anos. Hoje, tal como outros antigos armazéns da Baixa, é um espaço voltado para o lazer que tem o seu pico de actividade durante a noite

ra, um dos responsáveis pelo bar Plano B, aberto em Dezembro de 2006. Procuravam um espaço nas redondezas da Torre dos Clérigos e encontraram um edifício de 1909, "versátil", com "carácter" e com o bônus de ter sido desenhado pelo importante arquitecto português José Marques da Silva (responsável, por exemplo, pelo desenho da Estação de S. Bento e o Teatro Nacional São João), por encomenda do conde de Vizela. "Estava em mau estado, com o soalho e as escadas podres", recorda. Ninguém diria, mas "era muito fácil voltar a parecer um armazém".

José Pedro Maia e Pedro Trindade, da Casa do Livro, na Rua da Galeria de Paris, descobriram o espaço ideal para o bar que abriram em Junho de 2007. Já idealizavam um sítio com uma presença forte dos livros; o que não sabiam era que ali tinha funcionado uma livraria. "Chamava-se precisamente Casa do Livro. Mal se lia o nome na fachada", recorda José Pedro Maia. Acabaram por adoptar o nome e a escolha faz todo o sentido: nas paredes, há centenas de livros, em sintonia com o ambiente intimista do bar, que abre ao final da tarde.

Mantem um espaço com estas características "dá muito trabalho, mas

faz-se tudo com prazer", diz David Castro, gerente do Lusitano, um recatado café com serviço de catering durante o dia e um bar à noite, que se assume como *gay-friendly*. Quando abriu, há quatro anos, o antigo armazém, que estava desactivado há dez anos, "foi inteiramente recuperado", com algumas adaptações à nova função.

Do outro lado da rua, no Armazém do Chá, aberto em Abril de 2008, ainda se encontra cerca de uma tonelada e meia de folhas de chá, distribuída por sacos de serapilheira, sinal de um passado não muito longínquo com funções muito distantes das actuais. O espaço, com 700 metros quadrados, não foi a primeira opção de Rui Silva e Sérgio Ribeiro (queriam montar um bar que apostasse no vinho a copo e com uma agenda de concertos muito preenchida), mas a sua história acabou por modificar um pouco a ementa do espaço, que conta com diversos chás. "Vendemos muito chá à noite. Até eu fico surpreendido", diz Rui Silva. Para José Pedro Maia, da Casa do Livro, estas opções revelam "inteligência" por parte dos empresários: "Há espaços lindíssimos. É uma tendência natural pela Europa fora. Só não era no Porto."



ADRIANO MIRANDA

O que diz Nuno Grande

Porto 2001 lançou as bases para a “dinâmica” actual da Baixa

● Nuno Grande, programador cultural na área de Arquitectura e Cidade do Porto 2001, afirma que a acção da Capital Europeia da Cultura na reabilitação de algumas artérias da cidade potenciou o aparecimento dos novos negócios ligados ao lazer, cultura e à vida nocturna. O arquitecto e docente universitário recorda que durante a Porto 2001 discutiram-se muito as recuperações do espaço público, do comércio tradicional e da habitação. Para Nuno Grande, só a primeira foi alcançada. “Os comerciantes [da altura] não perceberam o impacto que as obras iriam ter”, lamenta.

“Não é uma coincidência” que a “dinâmica” actual da Baixa aconteça em ruas que sofreram intervenções por parte da Porto 2001, argumenta. As obras de requalificação transformaram as ruas em espaços mais atractivos para os investidores, que, segundo Nuno Grande, “são pessoas sensíveis a este tipo de arquitectura, com alguma memória e que não disfarçam o carácter [original] de armazém”. Mais: têm uma mentalidade diferente da do comércio tradicional, nomeadamente nos horários de funcionamento, mais adaptados à vida moderna, refere.

Críticas à Porto Vivo

O professor de Urbanismo na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto lembra o que aconteceu em “Tribeca, em Nova Iorque, no Soho, em Londres, e na Chueca, em Madrid”, “bairros antigos que foram transformados numa lógica de apropriação por esta classe boémia”. Nesses bairros, depois das lojas, dos cafés e dos bares, vieram novos moradores. E é neste ponto que o arquitecto considera que não estão a ser dados os passos correctos por parte da Câmara do Porto e da Porto Vivo - Sociedade de Reabilitação Urbana. “Se olharmos para estas cidades [quem habita aqueles bairros] é uma população jovem, sem compromissos familiares, famílias monoparentais, homossexuais ou [pessoas] em trânsito, que estão em Erasmus, por exemplo, que não se importam de não usar carro”, diz.

As entidades responsáveis pela reabilitação urbana não perceberam ainda que é preciso “encontrar um novo perfil de habitante da Baixa”, que não se coaduna com os preços praticados no mercado imobiliário, critica. Nuno Grande sugere que se recupere apenas “o essencial nas infra-estruturas”, à semelhança do que estão a fazer os empresários do lazer, sem “procurar pôr as casas aos preços de mercado”, deixando parte das obras nas mãos dos habitantes. Só desta forma, defende, se pode repovoar o centro da cidade e corresponder à “muita gente nova com vontade” de ali viver. **Pedro Rios**

Testemunho

A saudade da Margaridense “pode acabar”

Durante mais de um século, a Casa Margaridense foi um negócio de família (nos últimos cinco anos de vida, a propriedade do estabelecimento mudou de mãos). Elvira Silva, hoje com 47 anos, lembra-se de passar muitas Páscoas com os irmãos de volta do pão-de-ló e da marmelada. “Eram quatro dias e quatro noites sempre a fabricar”, recorda, em conversa com o PÚBLICO. Tinha prometido não voltar a falar aos jornais sobre a Margaridense, mas lembra, com saudade, as filas na rua (“O fabrico [artesanal] não chegava para a procura”), os meses de Setembro passados a fazer marmelada e geleia, o cofre onde se guardavam as pedras que davam as medidas certas para as receitas (o “segredo” da Margaridense). “Só a minha mãe sabia o segredo. Tinha-o recebido da minha tia”, diz. Conformada com o fim da Margaridense, mostra-se feliz com a sua



transformação: “Gosto que a loja permaneça igual. A saudade pode acabar com a continuação do espaço físico”, assume Elvira Silva. **P.R.**